

## **A lenda chinesa da origem do arroz**

[...] Conta-se que há muitos anos na China havia um reino muito poderoso sob o governo de um rei magnânimo, sentimental e justo, que amava o seu povo e era por ele amado.

A rainha participava dos sentimentos elevados do seu real esposo e era também muito querida por todos pelo seu coração boníssimo [...]. O rei, um velho chinês, [...] resolveu um dia adotar uma menina loura, muito meiga e bonita, já que o casal real não possuía filhos e vivia muito triste por esse motivo.

[...] Lina, como a chamavam, entretanto nunca pode adaptar-se à alimentação que lhe davam. Embora a contragosto, sempre queixava-se dos alimentos servidos, e o que conseguia comer mal dava para mantê-la de pé, tão fraco era o seu organismo e o seu estado geral, dia a dia, perdendo saúde e resistência.

[...] A morte da moça loura, meiga e bonita, encheu de grande amargura todo Reino e da mais profunda tristeza [...].

O Rei, passado algum tempo, e jamais esquecendo a sua Princesa loura [...] tomou as maiores providências para que os cozinheiros, os técnicos em alimentação de todo o Reino descobrissem um alimento que, pelo seu sabor, pela facilidade de seu preparo, pela abundância de sua colheita, fosse apreciado e preferido por todos [...].

Mas nada conseguiram, porque os seus conhecimentos eram limitados e só Deus guardava o segredo da natureza. [...] E o tempo, passava, passava, nada conseguiam os cozinheiros e os técnicos do Rei.

[...] Mas, um dia, uma notícia maravilhosa espalhou-se por todo reino: junto ao túmulo da Princesa Lina, nasceu uma plantinha muito verde, esguia, que cresceu, de tal forma que encheu-se de cachos louros de uma pequena semente, muito branca e muito saborosa, que se tornou o alimento preferido de todos. [...].

Essa plantinha era o arroz [...]

Fonte: "A lenda chinesa da origem do arroz", Kiber Sither. Disponível em: <https://esoterismo-kiber.blogs.sapo.pt/159094.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2018

## **A Lenda do Arroz**

Conta-se que, em 1637, quando os bandeirantes de Raposo Tavares devastaram o atual município de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, destruindo todos os aldeamentos indígenas que os Jesuítas haviam fundado, conseguiu sobreviver apenas um jovem índio chamado Tuti.

Desesperado com a perda dos seus pais e de sua morada, Tuti sentava-se à margem do Rio Jacuí e via ali noites e dias nascerem e morrerem.

O índio chorava.

Chorava de fome, chorava de dor, e de saudades.

E tudo parecia chorar com ele; o sol era pálido, a noite era negra, as florestas haviam se curvado e as águas endoideceram.

Seis sóis eram passados.

Tuti, sentado no mesmo lugar, broqueado de fome e de dor, com a face chicoteada pelo vento e os olhos cravados ao céu, como a pedir clemência, enxergou um vulto.

Neste momento tudo cessou.

As águas continuaram enfurecidas, mas em profundo silêncio, o vento adormecera nas moitas e no céu, como que prevendo felicidade, a lua sorria.

Sobre as águas, o vulto aproximava-se de mansinho.

Vulto de mulher, trazia em suas vestes a cor do rio com todos os seus peixes, a cor do céu com suas estrelas, a cor das matas com suas aves.

Trazia o sol em seus cabelos, e seus olhos luziam como diamantes.

Deixando rastros luminosos nas águas enfurecidas do rio, aproximava-se mais e mais, até chegar frente ao índio desconsolado.

Então, falou-lhe:

- Tenho aqui em minhas mãos a semente que saciará a tua fome e de todos que virão. Tome-as. Eu as recolhi de tuas próprias lágrimas caídas no rio.

Dizendo isto, o vulto luminoso deixou escorrer de suas mãos uns poucos pingos dourados, os quais o índio, com gestos selvagens, colheu.

O vulto sumiu.

Um violento temporal desabou.

O índio de tão fraco desmaiara, apedrejado pelo granito caído do céu.

E as sementes foram levadas pelas águas.

Após noites e dias de chuva, quando o sol, radiante, voltou, Tuti encontrou uns cachos, já dourados, com as sementes.

Colheu-os, preparou-os e saboreou.

Era uma plantinha frágil, mas que lhe dera muita vitalidade.

Hoje chamamos esta plantinha-ternura de ARROZ.

E para maior mistério, à meia-noite, às margens do Rio Jacuí, há um profundo silêncio, embora as águas desçam endoidecidas.

Isto, talvez, em homenagem à Deusa das Águas, que saciou a fome de Tuti e nos semeou o arroz.

Fonte: "A lenda do Arroz", Elisabeth da Silveira Lopes. Jornal do Povo.